

Professores excepcionais

Mais uma *rentrée*... uma *rentrée* vulgar com o seu cortejo de professores a menos e raiva acrescida? Talvez não. No seio dos liceus e dos colégios franceses, mesmo nas zonas mais difíceis (poder-se-á dizer sobretudo), algo se move. É o que demonstra o inquérito do jornalista, escritor, sociólogo e editor Hervé Hamon, que surge esta semana nas Éditions Seuil.

CAROLINE BRIZARD

Surpresa! São os próprios professores que querem a mudança. E multiplicam as iniciativas porque não suportam mais o imobilismo da Educação Nacional. No momento em que as propostas do relatório Thélot provocam a ira dos sindicatos, *Tant qu'il y aura des élèves* pode ser lido como um apelo à reforma.

Le Nouvel Observateur - Vinte anos após ter escrito com Patrick Roman um livro intitulado, *Tant qu'il y aura des prof* - que não era terno com a escola - publica agora, a solo, *Tant qu'il y aura des élèves*. Continua a ser severo?

Hervé Hamon -Sinto uma grande ternura pela escola da República. Se fui severo fui-o com os mecanismos, não com as pessoas. O meu livro foi feito no terreno e constato que em vinte anos se passaram coisas muito interessantes. Na verdade, ao contrário do que se ouve por aí, o nível sobe. O número de diplomados duplicou - ora o *bac* (o equivalente ao 12º ano português) continua a ser um exame exigente. A França, que marcava passo nesta matéria, hoje ultrapassa um pouco a média dos países da OCDE. Em seguida, há que reconhecer que a nação investiu fortemente na educação. Isto nota-se por exemplo no ensino profissional, de que nunca se fala. Mas ao mesmo tempo os caminhos continuam a cruzar-se: a maioria dos alunos avança mais depressa mas os retardatários são cada vez mais numerosos e são cada vez mais marginalizados.

N.O - Ainda há cerca de 100 mil alunos que saem do sistema escolar sem qualquer formação.

H.H - De facto, esse número é ainda maior. Praticamente metade de uma classe não ultrapassa o nível do Básico. Os bons «bacs» continuam apanágio dos filhos da classe média e dos quadros superiores. Os rapazes mais do que as filhas. Elas são melhores alunas mas continuam a ser orientadas para baixo. Resultado: no nosso país criaram-se guetos, zonas de exclusão onde os alunos não têm os meios de formar um projecto de futuro. A escola progride, mas é injusta. E mais humilhante.

N.O. - Os sindicatos continuam a afirmar que isso acontece por falta de meios.

H.H. A Educação é o primeiro orçamento do Estado. Representa 65 milhões de euros - ou seja 23% das despesas públicas - dos quais a maior fatia era absorvida pela remuneração das pessoas. Acrescento

que a descentralização, que confiou a grupos locais a tutela dos estabelecimentos escolares, produziu resultados inegáveis. Há 20 anos visitei colégios votados ao abandono, liceus profissionais onde as máquinas eram obsoletas, mesmo perigosas. Agora encontrei construções novas, computadores, centros de documentação, máquinas digitais...

N.O - Descreve cenas épicas como aquela aula em que um professor de música foi obrigado a discutir o uso da flauta durante o Ramadão. Outras são mais violentas.

H.H - Estas cenas mostram-nos em que medida o perfil dos alunos mudou em 20 anos. A França quis abrir a todas as crianças as portas da escola. Mas enformámos gerações. inteiras num molde que era concebido apenas para uma elite, e mais do que adaptar o molde, comprimimos, pulverizámos ou deixámos na margem aqueles que, decididamente, não tiveram a *souplesse* e a agilidade requeridas. Ao mesmo tempo organizámo-nos hipocritamente para que se reconstituam fileiras pouco transparentes, para que uma hierarquia mais ou menos declarada tome forma entre estabelecimentos. Nestas condições não surpreende que se produza humilhação... As polémicas do tipo “importa manter a escola única?” roçam o humor negro. É tudo menos única, esta escola.

N.O- Para muitos professores parece impossível gerir este "público" heterogéneo. Uma sondagem recente mostrava que uma maioria de docentes reclamava o fim da escola única.

H.H.

Para simplificar, direi que encontrei dois tipos de professores. Há aqueles que aceitam a aspiração democrática: aqueles que adaptam os seus métodos de ensino e trabalho; verificam se o aluno tomou de facto posse do saber transmitido. E há aqueles que querem que lhes mudem os alunos porque eles não querem mudar a sua maneira de trabalhar. A exigência de qualidade dos primeiros parece-me superior.

N:O. Critica esta recusa de pôr em causa as suas práticas...

H.H - A aula dita magistral venceu. Não na Louis-Ie-Grand, ou noutras escolas de excepção. Mas noutras, a síndrome *Clube dos Poetas Mortos*, em que o professor sobe ao estrado e faz o seu *show* face a alunos boquiabertos de admiração, está ultrapassado. Um professor não está lá nem para seduzir nem para fazer teatro mas para permitir ao aluno apropriar-se dos conhecimentos e do *savoir-faire*. Encontrar a «boa distância» é uma técnica e uma arte, a que se chama pedagogia, mas em França a formação profissional dos professores é insuficiente.(...)

Exclusivo Le Nouvel Observateur/JL

Jornal de Letras, 15-28 Setembro 2004